

## MINISTRO RECEBE TÍTULO DE “DOUTOR *HONORIS CAUSA*”

*O Ministro Vice-Presidente do TST, Francisco Fausto Paula de Medeiros, recebeu, em 28 de setembro de 2001, o título de “Doutor Honoris Causa”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Segue-se discurso proferido pelo Exm<sup>o</sup> Sr. Ministro por ocasião do recebimento do insigne título:*

### MOSSORÓ REVISITADA

(1951-2001)

Francisco Fausto Paula de Medeiros

**E**m dois momentos distintos do passado, vividos na *simbiose* da origem familiar em que repasso a interação e testemunho de profundas lembranças, me rendo duplamente a uma asserção sentimental de fortes raízes em Mossoró.

Em primeiro lugar, pela memória ancestral que me situa na estirpe como descendente dos mossoroenses fundadores da minha cidade de Areia Branca. Foi daqui, desse sítio sertanejo, que antigos moradores, com a graça e o rigor dos estilos da época, sob a liderança veneranda e patriarcal de Joca Soares, migraram para o litoral e fundaram uma cidade-ilha, de dunas e de sal, que durante muito tempo esteve sob o espírito de chefia política do mossoroense Francisco Fausto de Souza, a quem Câmara Cascudo conferiu o título de *historiador de Mossoró*.

E, depois, em tempo mais recente, mas na linha de trajeto incessante nesse prolongamento emocional, por minha passagem de um lustro pela cidade dos meus antepassados, quando, saindo dos bancos escolares do tradicional Atheneu, em Natal, concluí meus estudos, em Mossoró, no ginásio da Escola Normal e a seguir na União Caixeiral. Sou, assinando a vida, no mundo da comunidade local, testemunha a *perpetuar a memória* de duas grandes instituições de ensino, exauridas, *desmanchadas no ar* como mistério da adolescência, no afã de quem reproduz, no tempo retrocedente de meio século, a força moral da condição humana e de seus mitos perdidos.

Isso tudo ocorreu, entre *imagens* densas e dramáticas, lançando presságios para *o atemporal e o tempo*, de que fala o poeta-dramaturgo de origem sânscrita, no início da conturbada década de 50. E lembro, parecendo a sonata cíclica de poeta grego, a cidade erguida como extraordinário centro cultural e econômico, que vivia, já matizada pelo grave contexto e pela emergência do seu formidável progresso ou das suas tarefas ousadas e confluentes, a lenta e triste liturgia depois do clamor público com o impacto cruel das tragédias históricas de *Tacima* e do *Rio do Sal*, no réquiem de Mário Negócio e Dix-Sept Rosado.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

É também dessa época, no plano internacional, a notícia dos combates montanheses de um soldado romântico contra um ditador latino. E a lenda de Fidel Castro, um jovem advogado cubano, ao lado de Che Guevara, seu escudeiro, alvoroçava a mocidade mossoroense depois perplexa quando Getúlio Vargas atirou contra o próprio peito entre as paredes vetustas do Catete. Era esse o *pano de fundo* que também agitava a cena mossoroense sempre engajada no culto cívico e articulando, entre os seus muros conventuais, o exaltado processo social movido pela agitação instigante da aldeia total. Fazíamos, na cidade da resistência, um fórum de jurisdição social e política a exemplo de uma cidadela romana em que a alçada teria de ser o limite ideal do debate.

Nessa etapa seguinte, assinalo na clivagem de um cristal, do início da segunda metade do século XX, a efervescência intelectual e política de Mossoró. Lembro os jornais *O Mossoroense* e *Jornal do Oeste*, um, centurião de trincheiras, representando a tradição da imprensa latino-americana e o outro armado para os embates cívicos dos mossoroenses; e, embora de vida breve, lembro a revista *Meeting*, uma publicação que agitava a cena política e cultural da província para, na dialética, na campanha e no engajamento ideológico, manter a própria consistência editorial nas mãos da cultura operária e intelectual de Dorian Jorge e Jaime Hipólito.

É desse tempo, plasmando a ilustração recorrente, os grandes júris populares (ah, o julgamento de Joel Paulista, o líder sindical dos salineiros) com réplicas e tréplicas entre Raimundo Soares de Souza e Gurgel Filho; mas também destaco, no fórum e nos cartórios dos queridos Nidinha Paula e Santídio Gurgel, e depois do sempre lembrado Joca Bruno, a participação de grandes advogados, ilustres causídicos, como Abel Coelho, Alcides Menezes, José Marcelino, Thiers Rocha, Amâncio Leite, Antônio Francisco, Hélio Santiago, José Augusto Rodrigues e do jovem futuro historiador João Batista Cascudo Rodrigues.

Eles atuavam na advocacia, entre outros, cultuando no debate a memória do inexcusável Mário Negócio que questionara, no júri singular, em contenda erudita com Raimundo Soares de Souza, tendo como parâmetro o *processo de Joana D'arc*, a virgem de Reims. De Lorraine. De França: os dois, Raimundo e Mário, eleitos pela memória no encantamento mítico de um tempo de *gesta* irretocável, em quem Mossoró referenda a idealização dos mestres nas motivações e no assentimento cultural como grandes oradores e juristas perseverantes.

Era um tempo, pois, em que já pontificavam na imprensa Dorian Jorge Freire e Jaime Hipólito Dantas, ao lado do jornalismo vibrante de Rafael Negreiros e judicioso de Jorge Freire de Andrade. Era um tempo de peleja política à sombra da jovem liderança de Vingt Rosado e de Dix-Huit e dos comandos de Mota Neto, Duarte Filho e Tarcísio Maia. Era o tempo de Paulo Gutemberg e Genildo Miranda na recém fundada Rádio Difusora, dos programas musicais e culturais da *Amplificadora Municipal* na apresentação de Zé Maria Luz e Zé Leite Aragão, dos cines Pax, de Jorge Pinto e Caiçara, de Renato Costa e, enfim, do laborioso operariado dos Escóssias, *o velho e o jovem* Lauros, curvados, como se fossem projeções do século anterior, na redação e tipografia do seu jornal, vértice e pirâmide de cem anos.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

Hoje, Mossoró é uma cidade universitária que torna mais rica a singularidade do seu povo para dar-lhe identidade. E assim, na exaltação e cercania simbólica, pode cumprir o seu papel histórico.

Ela cresceu no seu contexto cultural, a imprensa ganha novos contornos com a *Gazeta do Oeste* e o jornal *de Fato*, mas estou convencido – e me permitam dizê-lo – de que o fundamento do seu desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento humano deve ser procurado na extraordinária versatilidade do seu passado mais recente ou mais remoto que sempre me pareceu tão grave quanto um relato bíblico.

Pois quem pode esquecer, nas querelas partidárias, o *foral* público nas praças? Ou a *abolição da escravatura* como epopéia da historiografia norte-riograndense? Quem pode esquecer, nesse tempo tresloucado de guerra entre as etnias de Abraão, a saga de Ana Floriano e o seu movimento épico em favor da paz americana? Quem pode esquecer esse momento de perigo em que *as pessoas se olham com um grande sorriso e se dão as mãos parecendo prisioneiros libertados maravilhados com a imensidão do mar* para repetir a imagem de solidariedade de Saint-Exupéry, transposta para a epopéia coletiva contra o cangaço? Quem pode esquecer a colaboração de Vingt-un e de América Rosado com a percuciência editorial dos seus títulos e estudos da *Coleção Mossoroense* como dádiva de um belo e estóico sentimento público em favor da cultura nacional?

Quem pode esquecer (deixem que repita a referência recolhida do *sfumatto* do passado), as figuras míticas de Mário Negócio e de Raimundo Soares de Souza cujos nomes soam como um pregão ou doce canto pastoril nas raízes da Universidade, em Mossoró? Ou, por outro lado, sobretudo sob esse aspecto estritamente escolar em que migramos a saudade na poesia itinerante de uma parábola, quem pode esquecer, agora fundados a precedentes históricos, a antiga *Escola Normal* de Vicente de Almeida, cônego Raimundo Gurgel, Dalva Stela e Solon Moura, a *União Caixeiral* de Alcides Fernandes e Elza Sena, o *Colégio Sagrado Coração de Maria*, das irmãs franciscanas (cuja abadessa, em Portugal, terá sido Maria Eneide, menina como eu na minha cidade de Areia Branca e que reencontro mais de meio século depois em reunião de família), ou o centenário *Colégio Diocesano Santa Luzia*, do padre Sales, hoje dirigido pelo padre Sátiro Dantas, uma instituição que resiste no tempo, sendo estuário moral e fascinante desse registro de contexto, erigida *memorial, grito e oração*, no pórtico da cidade?

É isso, explicando o caráter dos mossoroenses, que dá o sentido moderno da Universidade. É a sua massa e gênese em permanente revolução e o seu destino. Revela uma teoria estética dos tempos homéricos e contemporâneos em que a circularidade cultural abandona os clichês idílicos e se realiza na experiência da vida. Ela deixou de ser elitista, meramente catedrática, para significar e dar relevo à cultura da terra de tal maneira que os grandes clássicos convivam, na modelação intelectual, com os valores devotos das pessoas do povo.

É nossa tarefa, para referir Darcy Ribeiro, “*reinventar o humano criando um novo gênero de gentes*” pois o que temos e devemos preservar, enfim, é assinalado na

gene dos soldados romanos que *por dois mil anos* tomaram pela guerra a Península Ibérica e depois migraram de além-mar e *com o sangue negro e índio* fundaram uma nação cristã. E nisso devemos erigir o próprio figurino brasileiro porque toda cultura clássica, da antigüidade aos tempos modernos, se origina da sabedoria cotidiana esteja ela cultuada *nas artes pré-colombianas, africanas ou de qualquer cultura popular*, embora no modelo da metáfora.

Não há condição absoluta para os caracteres de um país na sua civilização e cultura. O uso social do ensino, então, deve nivelar a arte da *Renascença* à uma atividade artesanal e histórica que seja, na sua base humana, o *fundamento* totalizador da alma brasileira.

Nisso, na preservação do seu passado recente ou remoto, dos seus valores institucionais e humanos às vezes *"tão fugitivos quanto os anos"* e depois recriados, vale dizer que Mossoró é imbatível pela conformação da própria epopéia sobretudo agora sob os auspícios espirituais e à luz dos postulados da sua Universidade.

Mas retorno a esta noite. Um dia disse, em Natal, quando o TRT realizou um seminário de *direito do trabalho* em minha homenagem, que há uma grande diferença entre a minha atuação no mundo jurídico dos tribunais superiores e a atuação de José Augusto Delgado, meu contemporâneo da antiga Faculdade de Direito de Natal.

Eu apenas *improvisado*, como de si mesmo, certa vez, disse Djalma Marinho, pois sou um *menestrel* feito trabalhador *mourisco*: serei, sendo ministro, fundamentalmente um artesão e um juiz de província. Mas o ministro José Augusto Delgado é o cientista eloqüente, o homem que formula soluções jurídicas em laborioso apostolado – e nisso será, pelo amor ao estudo do *Direito*, como os norte-riograndenses Carvalho Santos, Amaro Cavalcanti ou Seabra Fagundes: ele dá vida à genialidade jurídica e, dissipando sombras e conflitos, aponta saídas para a coletividade brasileira.

Eis porque, agora, ao seu lado, sendo ele doutrinador e jurista nos escalões superiores de Brasília, avalio a grande importância desse título de doutor *honoris causa* que nos confere como galardão de vida pública, pelas mãos do Magnífico Reitor José Walter da Fonsêca, a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

Se ele, o ministro José Augusto Delgado, merece o título universitário por sua cátedra doutoral, me honra, também, que nesta assembleia seja homenageado o Governador Garibaldi Alves Filho, chanceler da Universidade, cujo conceito e méritos de governante e de homem público excedem pelo merecimento os elogios e o apoio moral do povo que governa.

Também registro as homenagens prestadas à doutora Zilda Arns Newman, ao padre Guido Tonelotto e a Ená Maria Dantas Rebouças Veras, Antônio Queiroz de Alcântara Neto e Francisco Severo da Silva.

Entre eles, eu serei apenas *coadjuvante* desta bela, festiva e inesquecível noite de gala universitária em que sofridamente, mas encantado, ajusto a nostalgia à emoção da homenagem.

## NOTAS E COMENTÁRIOS

E por isso quero saudar, pela expressividade de suas vidas dedicadas à tradição cultural do Rio Grande do Norte e do país, todos os homenageados da UERN e, de outro lado, em nome deles, saudar e agradecer os títulos honoríficos, que nesta *noite de Mossoró* estamos recebendo, aos professores universitários e a José Walter da Fonsêca e Olga de Oliveira Freire que hoje se empossaram na Reitoria e Vice-Reitoria.

No que me diz respeito, portanto, estou deixando claro que integro, no plano da construção original desta cidade, uma multidão muito antiga. E sou testemunha de qualidades e formas de sua gente, dividida entre várias etapas de celebração histórica, como se, de uma hora para outra, reunisse no mesmo barro, na admirável etnologia sentimental, vidas pretéritas em única experiência sensitiva. Pois para Proust a velhice não é a soma de várias juventudes?

Então por isso me permito, “*entre o verde fronde e a raiz*”, trazer no tempo, como um romeiro que retorna à campina da juventude, de um lado, em época mais distante, no promontório, a visão fundadora dos meus ancestrais com os seus sonhos ultramarinos; de outro lado, em tempo mais próximo, a visão da Igreja *santa e bela* de D. João Portocarrero Costa e do inesquecível Padre Mota; da fundação da ACDP de Bibiu Gurgel e Edilson Moura; do influxo e rebulição político do *Café de Lalau* na rua do Comércio com Pedro Batista de Melo, espectador, destruindo mitos na relação de política enquanto Nepó solfejava hinos de campanha (os dois, nos seus espaços respectivos, atrelados à utopia cultural), do movimento público é lírico da *revolução pelo voto*, na campanha presidencial de 1955, ao lado de Rômulo Negreiros, Apolônio Filgueira, Nilson Chaves, José Gurgel e Lauro da Escóssia Filho, dos memoráveis festejos de dezembro e da procissão em honra de Santa Luzia *de Mossoró*, das reuniões prosaicas e vadias da madrugada na praça da Catedral onde discutíamos a sorte do mundo e Guido Leite reensaiava a filosofia do óbvio, das festas do Ypiranga e da ACDP ao som de boleros de Agustín Lara e dos espetáculos orquestrais de Glenn Miller, das manhãs de domingo na rua do comércio com os seus personagens partilhados na confiança trivial e fascinadora do dia-a-dia, ou, enfim, das batalhas juvenis no Centro Estudantal, tendo como companheiros da minha adolescência sempre mais combativa e significativa, em que nos libertamos das amarras convencionais como se fôssemos heróis ou santos, neste repertório de muita gente antiga e fraterna, entre outros, José Stalin, Lourimar, Cizinho, Lauro Amaro, Nilton Cavalcante, Djesu Dantas, Luiz Torquato, Edmundo Alves, Fernando Victor, Ivo Silva, Catão, Edmilson Fernandes e os dois Chicos Duarte, *de Souza e Ferreira*.

Eles remontam, em meu espírito, uma vereda de *la recherche*.

Não registro os que partiram. Não. Não lhes faço o epitáfio. A minha saudade já é uma lápide fria e em torno dela, em flores, se abre a vereda. Espero. E sublimo a morte. O tempo faz e desfaz. Na lembrança deles me torno precedente da história e sobrevivo emocionalmente. O tempo, ademais, na lembrança da gente, sendo *refúgio, alvitre e nostalgia*, é ida e retorno. Está na poesia Eliotiana.

Pois reuno tudo isso, já na estação outonal da minha vida, uma *paragem de flores e de colheita*, na revisita que faço, nesta cidade colegial, ao sítio universitário de

## NOTAS E COMENTÁRIOS

Elder Eronildes da Silva (em cuja amizade redesenho o tecido inconsútil que vai, sem fragmentos, da minha mocidade mossoroense à minha vida propecta em Brasília) e do Reitor José Walter da Fonsêca.

Nela, nessa clareira que é a minha partida e o meu retorno na trilha permanente, evoco *a linha e as cores* da cidade antiga no estádio perpétuo, sempre contemporâneo de expectativas e de inefáveis mudanças psicológicas, que modelam o destino de várias gerações, enquanto, como no museu imaginário de Malraux, “*as formas mortas ressurgem das formas vivas*”.

É esse o prodígio memorável que faz dessa *cidade de retorno*, aos meus olhos enternecidos e na mais profunda raiz familiar, também uma *cidade sentimental* na qual sepultei os meus pais e que revisitarei sempre, nesse tempo outonal aquecido pelo recolhimento e pela clausura, com os ternos matizes primaveris da reminiscência à luz velada e intensa dos encantos da minha eterna juventude em Mossoró.

## TORRES GÊMEAS

Ronaldo José Lopes Leal\*

**A**s torres gêmeas caíram,  
Varadas por aviões  
Pousados longe das pistas,  
Guiados por comandantes  
Sequiosos de eternidade.

No cenário de Belém,  
Numa noite sob estrelas,  
Deitada na estrebaria,  
Uma criança chorou.

Acabado de nascer,  
O pregoeiro do amor,  
A fonte da eternidade,  
Sonhava com torres gêmeas  
Varadas por aviões.

---

\* Ministro do Tribunal Superior do Trabalho.